

ENSAIO

Alguma ruminaco sobre a verde pétala da poesia

Uma resposta, inquieta, que provavelmente nem chegar até nosso futuro

MARCO AQUEIVA

“Poeta, esporadicamente leio os seus livros”, registra Ferreira Gullar – provavelmente hoje o poeta vivo cuja reputaco efetivamente transcende os limites da Poesia – as palavras de um mendigo que a ele se dirigiu. Ao contrário da figura pública, que  Gullar, há pouco tempo compartilhava-se a forte impressão de que poetas seriam apenas uma inveno verbal, reduzidos exclusivamente  dimensão do livro. Mas até onde o poeta pode reinar sem reino? Até a inanio absoluta? Outrora um poeta como Victor Hugo podia insuflar com versos o espírito de sua época, o século XIX, tão marcado por convulsões. Aqui entre nós, ao início do século XX, Olavo Bilac pde gabar-se de dar ao poeta o status de profissão. Hoje há quem sustente que o poeta está inelutavelmente destinado a perecer e nem mesmo merece ser salvo, pois tem extrema dificuldade de dar uma finalidade  sua arte.

Talvez não seja tão evidente assim a inexistência de salvao para o poeta nesta sociedade em que as consciências são domesticadas pelo mercado. A morte da Poesia já foi anunciada tantas vezes que, a menos que as leis da gravidade tenham de fato sido suprimidas, é bastante compreensível o desaparecimento dos poetas na trajetória da espécie humana.

Dizer que a Poesia vem cada vez mais definhando a ponto de estar fadada ao de-

saparecimento, pois não tem lugar hoje, em nossa sociedade, etc. etc., seria o mesmo que afirmar que a humanidade prescinde da experiência artística. Em grande medida é uma burla dizer que a Poesia resiste solitária tanto no poeta publicado quanto naquele inédito que, invisível ao mercado, faz uso da tecnologia que o mercado proporciona, publicando seus poemas em blogues e revistas literárias virtuais. Parafraseando o autor de Poema sujo, a poesia existe vária e múltipla porque a vida não basta.

É muito frequente ouvir que a Poesia é uma expressão literária restrita e que está sempre fora do alcance do leitor – fenmeno diferente daquele que ocorre com a prosa (ficcional ou não), em que determinados títulos alcançam hoje tiragens elevadas, da ordem de milhares de exemplares. Está certo: a Poesia rende acanhadas edies. Poucas chegam a quinhentos exemplares. São muito comuns hoje as edies de cem ou cento e cinquenta exemplares, custeadas pelo próprio autor. Indigno, como já ouvi de outro bom poeta. E tão mais evidente se torna a selvageria do fato quanto mais se observam as milhões de “protuberâncias” que se chamam livros circulando por a, completou ele.

Mas nada do que se reputa  História escapa  Poesia. Nesta, hoje se veem os resultados de tantos processos históricos, tantas tradies em conjuno, que a pluralidade de poéticas, linguagens e formas comprova que a Poesia existe e continuará existindo. A Poesia resiste,



Obus Furtivo, ilustrao de autoria de Leonardo Mathias, capista de talento.

reinventando-se na carne viva da música popular brasileira. Polmicas  parte, não consigo pôr simplesmente porta afora os compositores da MPB, aedos modernos, muitos deles poetas vigorosos, não apenas legítimos herdeiros dos trovadores medievais, mas também daquela tradio que se consolidou na lírica ocidental e que terminou por priorizar a dimensão lógico-representativa. “Onde queres o sim e o não, talvez // E onde vs, eu não vislumbro razão”,

como diria Caetano. Não, não sou Platão para excluir poetas, pois o que entendemos por real é ponto de encontro de tantas realidades que aquelas consciências dotadas de sensores auditivos e mentais mais sensíveis e afinados com a Poesia tendem a incluir nos paradigmas do poético manifestaes linguísticas de alto valor expressivo. A despeito da censura dos censores de plantão, brota em canes a fina flor da Poesia, como nos do provas Paulinho Moska e

Jorge Mautner, Rodrigo Garcia Lopes e Vinicius de Moraes, Zeca Baleiro e Paulo Leminski, arriscando-me a citar apenas uns poucos exemplos que nesse momento me (s)ocorrem.

A Poesia resiste, presente em gêneros textuais os mais distintos, não necessariamente literários. Na propaganda, ao fazer uso de determinados procedimentos e recursos linguísticos, a linguagem poética é instrumentalizada pelo publicitário. A prosa ficcional aproxima-se tanto da Poesia que a ousadia de alguns ficcionistas não é apenas recorrer à linguagem poética, é indagar pela linguagem nos limites do poder dizer e admitir entre o vivo e o vivido, a percepção da ausência para além de si, as palavras e o silêncio, que o que vemos é a Poesia resistência, sendo reinventada, reinterpretada e reincorporada na multipolaridade dos discursos que se constroem mais ou menos poéticos.

Nesse sentido, dizer que a Poesia resiste enquanto fenômeno estrita e exclusivamente literário talvez seja negar que a palavra poética tem uma existência no mundo e que encarna demandas próprias e específicas não apenas da Poesia. Por outro lado, o leitor pode objetar que este raciocínio conduz à ideia de que a Poesia não é um domínio específico, sobretudo se esse leitor imbuir-se da condição de autoridade legisladora no assunto e detentor do saber institucional sobre o objeto que domina. Sociedade acostumada a superdimensionar o conhecimento científico e a especialização, não é de espantar que seja habitual o desprezo da universidade pela atividade crítica exercida por escritores e poetas. O que é espantoso mesmo é a dificuldade de encontrar leitores de poesia contemporânea entre doutores, especialistas em literatura, no meio acadêmico.

Em texto recentemente publicado¹, o professor e poeta Paulo Franchetti manifesta seu “desconcerto” diante do cons-

trangimento de colegas – igualmente doutores em literatura, intelectuais com larga experiência de estudo e ensino – por não compreenderem a poesia contemporânea. Segundo Franchetti, enquanto a chave “mimética” dá em geral bem conta da compreensão da prosa e do teatro, a tonalidade “afetivo-expressional” da poesia costuma repelir o viés representativo, impondo ao especialista a necessidade de conhecer os parâmetros específicos do gênero lírico, notadamente os vetores da evolução da lírica, o que resultaria enfim na exigência insofismável de identificar no presente as marcas das diversas

“

A Poesia resiste, presente em gêneros textuais os mais distintos, não necessariamente literários. Na propaganda, por exemplo.

”

tradições à disposição e vivificadas pelo texto literário.

Façamos justiça. Em época como a nossa, que reivindica a Liberdade, o campo eletromagnético da Poesia parece repelir quaisquer teorias e imposições, o que terminaria por resultar na equivalência “democrática” de todas as poéticas, formas e tendências poemáticas existentes se o direito ao exercício da Poesia neste emaranhado de agentes líricos cordatos fosse precedido pelo direito à diferença. Sim, a Liberdade que postula a pluralidade de vozes – vastidão e validade de todas as poéticas – é uma dessas boutades que não resistem à prova da realidade. Pois bem, a Poesia existe per se ou enquanto relacionada a um objeto?

De um lado, a Poesia acolhendo errante um processo histórico formado por tantos veto-

res em conflito e orientações em conjunção: a forma mais convencionalizada das trovas confabulando com aquela mais conforme as raízes do lirismo mais autenticamente luso-brasileiro, junto à poesia participante na proporção inversa da experiência surrealista, perplexa travessia em que não se costumam esbarrar formalistas e repentistas, os “concretos” trafegando na mídia interativa e alternativa, haicaiistas e os “autênticos” líricos no fogo e fog do momento. De outro, o pesquisador, desnutrido das proteínas animais e carboidratos das teorias, temendo os desafios impostos pela leitura da poesia contemporânea.

Sim, há mais: não deveríamos nos esquecer de culpabilizar a insuficiência das políticas públicas na área educacional, pois a educação é cúmplice da indigência do pesquisador, e assim talvez fôssemos levados a cair na perpétua lamentação dos feixes neuronais atrofiados e chegar à matriz de todo o problema: a corrupção... Mas não nos desviemos tanto! Por quanto tempo mais deveremos vergar o nojo pela morte da crítica universitária? Nos grandes veículos de comunicação, a crítica é coisa de espectros à espera da escuta do silêncio final. Mas se a responsabilidade da Escola é fator objetivo a considerar-se na identificação das causas da inófia da crítica universitária, é também ela Educação responsável pela formação dos leitores que, despreparados, se rendem ao Mercado com suas publicações relacionadas a receitas de saúde e felicidade barata. (E não é preciso esclarecer que o Mercado certamente não é um criminoso que age sozinho!) O leitor despreparado é sempre uma entidade acomodada que finge admitir o poeta, mas nega o poema (vide Facebook).

Mas não nos voltemos contra o leitor: o poeta é o único termo da equação que no fundo sabe que o resultado da leitura de Poesia é o poema e que todo esse processo é uma ca-

deia de forças necessariamente associadas, admitindo-se ainda – como foi sugerido acima – a força do elo político, tão determinante é ele quando se trata da cultura. Talvez seja por isso que alguns poetas sentem mais profundamente que outros que exercer a poesia é uma “loucura”: além de ingressar em uma busca obscura na qual a experiência com a linguagem é muitas vezes não mais que circundar o oco às voltas de si mesmo, eles percebem-se convocados ao exercício de uma prática supostamente desnecessária às demandas do humano. Em consequência disso é que são ora solipsistas sem cura, deixando-se escorregar em direção à audiência solitária das sombras; ora reivindicadores da seriedade de toda a ação poética nas guildas e corporações de auxílio mútuo, algumas vezes póstumo. Fora e dentro destas duas posições, ainda restam estes e aqueles poetas vivos, músicos ou não, mera ficção de mortos vivos, confraria de fantasmas que se dão as mãos, seguindo o cortejo de vozes que, pela manhã ou à tarde, naqueles dias de indigência íntima, nos estendem suas vozes para nos levar a nenhuma parte onde possamos obter certa resposta por sua expressão. Um eco, inquieto, que provavelmente não chega – nem chegará até nós no futuro: a poucos, e tantos, metros, eis um abafado rumor que se fará nome: Poesia.

Amanhã, talvez haja mais de que falar.

NOTA: 1- Paulo FRANCHETTI. Notas sobre Poesia e Crítica de Poesia. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=5557>>. Acesso em: 18 mar. 2013.



Marco Aqueiva é professor e escritor.